



VOLUME - V.1
NÚMERO - N.2
MAR. - 2023
ISSN:
P.52-68

**MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO:
UMA ALEGORIA DA CONDIÇÃO SOCIAL DOS CORPOS NEGROS E
DISSIDENTES**

MARIA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO: AN ALLEGORY OF THE SOCIAL CONDITION OF
BLACK AND DISSIDENT BODIES

Wesley Henrique Alves da Rocha¹

RESUMO:

É evidente que a violência contra os corpos negros e dissidentes tem sido constante, e, até mesmo, corriqueira nos noticiários. Nota-se que essa violência exerce intensidades ampliadas quando é direcionada aos corpos negros e, ainda mais intensa, quando é direcionada às mulheres negras. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma leitura do conto *Maria*, de autoria da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, publicado no livro *Olhos D'Água*, tendo sua primeira impressão em 2015. Partimos da premissa de que o conto se apresenta como alegoria da condição social da mulher negra, mas também de outros corpos negros e dissidentes. Como embasamento teórico, utilizam-se as perspectivas do pós-colonialismo, tais como Hall (1999), Spivak (2010), Fanon (2008), Angela Davis (2018) e a própria Conceição Evaristo (2005). As reflexões em tela nos levaram a inferir que a personagem Maria, se metamorfoseia em várias outras vidas marginalizadas e representa tantas outras Marias e tantos outros corpos negros e dissidentes que sofrem com as tentativas de supressão de suas existências, mas que, ao mesmo tempo, carregam a disposição para se erguer e dizer “não” às tentativas de disciplinação de seus corpos.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Pós-colonialismo. Violência. Corpos negros. Dissidentes.

ABSTRACT:

It is evident that violence against black bodies and dissidents has been constant, and even commonplace in the news. Note that this violence exerts increased intensities when it is directed at black bodies and, even more intense, when it is directed at black women. This article aims to present a reading of the short story *Maria*, written by the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo, published in the book *Olhos D'Água*, having its

¹ Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); wesley020794@gmail.com

first impression in 2015. We start from the premise that the short story presents itself as an allegory of social condition of black women, but also of other black bodies and dissidents. As a theoretical basis, post-colonialism perspectives are used, such as Hall (1999), Spivak (2010), Fanon (2008), Angela Davis (2018) and Conceição Evaristo (2005). The on-screen reflections led us to infer that the character Maria, metamorphoses into several other marginalized lives and represents so many other Marias and so many other black and dissident bodies that suffer from the attempts to suppress their existence, but that, at the same time, they carry a willingness to stand up and say “no” to attempts to discipline their bodies.

Keywords: Afro-Brazilian literature. Post-colonialism. Violence. Black bodies, Dissidents.

CONCEIÇÃO EVARISTO: NOTAS DE VIDA, ESCRITA E TRAJETÓRIA

Conceição Evaristo, mineira de Belo Horizonte, nasceu em 29 de novembro de 1946. Em seu blog, a escritora publicou o texto *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*, onde relata a aquisição da escrita e da leitura recordando que as mãos de lavadeira da mãe guiaram os seus dedos: “[...] guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas.” (EVARISTO, 2005)².

Assim, a autora ressalta que as mesmas mãos a guiaram na aquisição da leitura: “[...] foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita.”³.

Dessa forma, Evaristo crê que a gênese de sua escrita está no acúmulo de tudo que ouviu desde a infância, “O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir.”⁴

Em 1958, ao terminar o primário, Conceição Evaristo ganhou o primeiro prêmio de literatura, venceu um concurso de redação. No entanto, sua vitória gerou certo desconforto em alguns professores que não a consideravam uma “boa aluna”. Dona

² Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-am-dos.html>. Acesso em 25 jun. 2020.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

Luzia Machado Brandão, uma professora que trabalhava na biblioteca, precisou intervir para que a menina negra recebesse o prêmio (LIMA, 2009).

Em 1976, ingressou no curso de graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Começou o curso de Mestrado em Literatura Brasileira em 1993, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; e em 2011 concluiu o Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

A produção literária de Conceição Evaristo é diversa, composta por poesias, romances, ensaios, artigos e contos. Inicialmente, suas produções não foram organizadas em obras individuais, a revista *Cadernos Negros* foi o primeiro veículo de divulgação de seus poemas.

O pesquisador Omar da Silva Lima (2009), em sua tese de doutorado intitulada *O comportamento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*, realizou um levantamento das publicações da escritora nos *Cadernos Negros*. A primeira publicação se deu em 1990; ao todo foram 31 poemas e 7 contos publicados entre 1990 e 2007.

Pouco tempo depois, a escritora começou a publicar obras individuais: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011); *Olhos d'água* (2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), entre outras.

Segundo Lima (2009), Conceição Evaristo foi a segunda escritora afro-brasileira a ter uma obra publicada fora do país de origem. A primeira foi Carolina Maria de Jesus, com o aclamado *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960). Esse é um fato interessante, pois a produção literária de Carolina foi uma das inspirações de Conceição Evaristo. Em entrevista concedida ao Geledés Instituto da Mulher Negra, Conceição cita Carolina:

[...] uma mulher negra, moradora de uma das primeiras ou da primeira favela de São Paulo, na década de 1950, chefe de família, que sustentava o lar como coletora de material reciclável e escritora é uma porrada na porta branca e elitizada da literatura brasileira. É dizer: A gente também sabe fazer e fazemos muito bem! Carolina vive!⁵

Desse modo, escrever também pode ser uma maneira de reafirmar sua presença no mundo e ambas as escritoras o fizeram, “[...] colocar-se em palavras seria, nesse caso,

⁵ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/trabalhar-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-foi-imprescindivel-para-descolonizar-olhares/>. Acesso em 27 de agosto de 2019.

uma forma de ser alguém, de participar de uma coletividade marcada pela escrita e, ao mesmo tempo, ser reconhecido como indivíduo, portanto, único” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 07).

1 LITERATURA DE AUTORIA FEMININA: UMA LITERATURA MARGINAL?

Em minha dissertação de mestrado, intitulada *Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade*, defendida em 2019, propus uma leitura multidisciplinar da obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. Nessa pesquisa, fiz uma breve reflexão sobre a literatura produzida por mulheres negras, a qual transcrevo aqui, com algumas modificações para abarcar a potência literária de Conceição Evaristo.

Segundo Peçanha (2006), quando associamos o marginal à literatura, estamos nos referindo à produção literária de escritores que estariam à margem do corredor comercial oficial ou do cânone literário, assim como o termo “literatura marginal” também pode estar associado a um tipo de literatura que, de alguma forma, se recusa a utilizar uma linguagem institucionalizada, buscando reler o contexto de grupos marginalizados/oprimidos historicamente.

Em suma, a expressão “literatura marginal” serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial e que não pertencem ao cânone literário; em sua maioria, são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados (mulheres, negros, LGBTQIA+), ou ainda que tenham como tema o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais na sociedade (PEÇANHA, 2009, p. 3).

Leonard (2016) destaca que a primeira menção ao termo *Literatura Marginal* foi feita pelo escritor Ferréz, no ano 2000:

Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era 'literatura marginal' (Ferréz, em fala no dia 20/07/2004) (FERRÉZ, apud PEÇANHA, 2006, p.15).

Nota-se que, Ferréz atribui ao “marginal” o sentido de representação e o próprio sentimento de exclusão social. Em 2001, Ferréz fez uso do termo novamente, dessa vez, para designar um grupo de escritores que vivenciam situações de marginalidade. “A partir de então, a expressão 'literatura marginal' se disseminou no cenário cultural

contemporâneo, para caracterizar a produção dos autores que vivenciam situações de marginalidade” (PEÇANHA, 2006, p. 01).

No Brasil, podemos considerar que há dois momentos da chamada literatura marginal-periférica, sendo o primeiro que trata da literatura marginal da década de 1970, e o segundo, a literatura produzida nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos, como é o caso de Conceição Evaristo, nascida em uma favela de Belo Horizonte.

Evaristo, pela sua ousadia e condição social (marginalizada), é uma das catalisadoras da literatura marginal-periférica no Brasil; a oralidade tão presente em suas obras se tornou marca linguística de quem ela representa, com uma linguagem comum e acessível à maioria.

Amaral (2003) esclarece que as obras marginais-periféricas são vendidas, frequentemente, sob o rótulo de literatura de testemunho e/ou depoimento. Balbino (2016) destaca que o marginalizado, quando escreve sobre si, (re)afirma seu papel de protagonista, escritor e narrador, e deixa de ser apenas espectador, personagem e ouvinte da própria história.

Sendo assim, nota-se que a literatura marginal-periférica sugere a interligação do autor com a sua condição marginalizada socialmente e a abordagem dessa experiência em seu texto literário. Para Conceição Evaristo, tal escrita se fundamenta na utilização de experiências e vozes autorais e afetivas para narrar; trata-se da “[...] escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra [ou marginal-periférica] no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Portanto, o fato de esses escritores e esse tipo de literatura estarem fora do centro - à margem -, é essencial para a (re)construção das identidades marginais-periféricas, fazendo com que tais textos apresentem um viés político em relação às demandas das populações das periferias.

Para Zibordi (2004), a literatura marginal-periférica não é menor, como é defendida por muitos, mas, sim, uma literatura maior, visto que é feita por majorias, numa linguagem maior, com raízes e é assim que ela deve ser tratada.

Considerando as condições sociais de Conceição Evaristo, ater-nos-emos, agora, um pouco mais especificamente à literatura marginal-periférica produzida por mulheres negras. A caminhada feminina, ao longo da história, foi marcada pela invisibilidade, e isso limitou de forma drástica a ação das mulheres no tempo e espaço, colocando-as à margem da história (OLIVEIRA, 2014).

No contexto brasileiro, a visão sobre a mulher seguiu as trilhas do pensamento eurocêntrico marcado pelo fator racial, que colocou pessoas negras em profunda exclusão social, material e moral, principalmente as mulheres. Elas foram, e ainda são, as principais vítimas das violências (físicas, psicológicas, simbólicas); essas condições históricas, impostas a elas, acentuaram a construção de um lugar de inferioridade no espaço social e a negação de seus direitos.

Sendo assim, ao tratarmos da escrita da mulher negra, é preciso que façamos um recorte, visto que limitações impostas pelo gênero e raça que circunscrevia a literatura atingiam, principalmente, esse grupo de mulheres. É importante destacarmos que as mulheres negras, no Brasil, escreveram, desde a escravidão, todavia a invisibilidade e/ou o branqueamento as impedia de galgar caminhos outros que não a subalternidade.

As personagens femininas negras que ainda apareciam na literatura foram apresentadas sob a ótica do colonizador, ou seja, repletas de estereótipos típicos da colonização. Entretanto, a passos curtos, esses estereótipos foram sendo desconstruídos, justamente pelo fato de as mulheres negras se colocarem como sujeito-objeto que escreve sobre si, subvertendo a posição de objeto que era descrito pela ótica eurocêntrica colonial.

O patriarcalismo se constituiu como uma forma de poder e dominação, e, na literatura, atuou da mesma forma. Foi um processo longo e cruel, em que escritoras foram completamente apagadas da história da literatura, principalmente as dos séculos anteriores ao XX.

[...] a história das mulheres é uma história recente, porque, desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres, desenvolveu-se a sua margem. Ao despreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis (STREY; CABEDA, 2004, p. 25).

Até mesmo durante o Romantismo, quando houve a tentativa de se criar uma “identidade nacional”, é possível observarmos que as obras literárias⁶ foram escritas por homens brancos, os índios eram os protagonistas que eram retratados como heróis, mas que aceitavam o colonizador de maneira pacífica (SILVA & RODRIGUES, 2018). As mulheres eram retratadas como submissas; e os negros e negras? A estes foi delegado o

⁶ Como por exemplo: *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo; *O guarani*, de José de Alencar; entre outras.

papel de desaparecer da história da formação nacional; o romantismo tratou de animalizar e escravizar a população negra, limitando-a aos estereótipos. As mulheres negras que, mesmo nesse contexto, conseguiram produzir, foram apagadas da historiografia literária, ou passaram pelo processo de branqueamento.

Portanto, a literatura tratou de silenciar o negro, ou colocá-lo em espaços estereotipados, principalmente no século XIX.

Na literatura produzida no Brasil até 1888, o negro apareceu em papéis diversos e sob ângulos diferentes. [...] Como pessoa, o negro foi descrito como quase tudo cabível na escala humana de interpretação: uma figura semelhante a feras, que servia apenas para o trabalho pesado, um selvagem em que não se pode confiar e que se revoltará na primeira oportunidade [...] uma figura exótica que desperta desejo [...] (RABASSA, 1965, p. 324).

A afro-brasileira Maria Firmina dos Reis, durante o século XIX, foi uma das mulheres negras que, assim como Conceição Evaristo, saltou os muros da voz subalterna, enfrentando as tentativas de silenciamento impostos.

Angela Davis (2016) explica que qualquer ação das mulheres negras, que fugiam do papel compulsório atribuído a elas pela colonização, configurava-se como resistência; inclusive, por exemplo, o ato de escrever e transmitir essa escrita aos demais e, evidentemente, isso era um grande incômodo para o senhorio. Nesse sentido, a resistência se apresenta como condição para a própria existência da mulher negra.

Sendo assim, a produção de mulheres negras é uma ferramenta poderosa, tanto para deslegitimar o discurso do colonizado, quanto para romper o silenciamento imposto a essas pessoas, pois carrega a história de luta que as mulheres negras enfrentaram para romper com a opressão que as impedia de escrever. A escrita de mulheres negras rompe a invisibilidade e permite que o discurso delas seja, ainda que tardiamente, ouvido.

O protagonismo feminino negro na literatura muda a ordem social, inserindo um discurso de resistência, desconstrução e reconstrução de identidades, ou seja, possibilitando que o papel ativo desses sujeitos na sociedade seja de fato reconhecido. Por conseguinte, substituindo o papel secundário das personagens femininas por mulheres negras que protagonizam a própria história.

Logo, a literatura marginal-periférica produzida por mulheres negras caracteriza-se pelo seu protagonismo, pela revisão do legado colonial (ótica pós-colonial) e o reconhecimento da própria história como algo que precisa ser contado. Por fim, o

movimento de exclusão das mulheres na literatura, principalmente as negras, não anula a influência significativa dessas mulheres sobre as pessoas marginalizadas que se identificam com suas lutas e, até mesmo, sobre a nova geração de escritoras negras. Não há como apagar/silenciar dessas mulheres a voz narrativa, o relato, o verso, o grito. Como confessa Conceição Evaristo:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Nesse caso, escrever como um ato libertador das amarras sociais é consequência da resistência e persistência de escritoras afro-brasileiras que, mesmo excluídas, resistem e registram suas vozes de mulheres negras, a partir das próprias narrativas, abrindo caminhos para que mais mulheres negras integrem o mundo a partir de suas próprias vozes.

Vale destacar que a intenção desse tipo de literatura não é criar guetos, fazendo com que esses textos circulem apenas na periferia, mas, sim, que as pessoas periféricas tenham acesso também a clássicos da literatura e que a literatura marginal-periférica rompa os muros da periferia, possibilitando que façam parte do cânone. A reivindicação dessas escritoras não é apenas a valorização, mas também o direito de serem ouvidas, terem a igualdade de possuir a cultura e usufruir dela, antes destinada aos brancos e às classes sociais média e alta.

Ao tomar a literatura marginal-periférica como objeto de pesquisa, é preciso abrir-se à compreensão de que não existe uma “história única”, uma vez que a história oficial é sempre contada pelo vencedor, pelo colonizador, pelo homem branco.

Assim sendo, é preciso desnaturalizar a história colonial, problematizar os estereótipos e visibilizar as histórias dos colonizados e as diferentes formas de opressão existentes, opondo-se à reprodução das relações de dominação. Portanto, a produção de mulheres negras é, afinal, uma ferramenta poderosa para abrir a possibilidade da contestação e da subversão do poder dominante.

2 MARIA: UMA ALEGORIA DA CONDIÇÃO SOCIAL DAS PESSOAS NEGRAS E DISSIDENTES

O conto *Maria* faz parte da obra intitulada *Olhos d'água* (2015), de Conceição Evaristo. Neste trabalho, a versão utilizada foi publicada em 2016, sendo a terceira reimpressão. O texto narra a história de uma mulher chamada Maria, que mora em uma favela e cria os filhos sozinha. Quanto ao enredo, ela trabalha como empregada doméstica na casa de uma família rica. Certo dia, ao ir embora do trabalho, entrou em um ônibus que foi assaltado por um ex-companheiro, pai de um de seus filhos. Assim, os passageiros perceberam que Maria foi a única que não foi assaltada, pois o assaltante a conhecia, isso fez com que os passageiros se revoltassem contra ela, começaram a xingá-la e, depois da agressão verbal, a agrediram fisicamente, linchando-a até a morte.

Tomaremos o conto como alegoria da condição social, herdada dos processos de colonização e exploração, dos corpos negros e dissidentes. Assim, torna-se necessário definir o termo alegoria:

A alegoria implica a existência de pelo menos dois sentidos para as mesmas palavras; nos diz às vezes que o primeiro sentido deve desaparecer, e outras que ambos devem estar juntos. Em segundo lugar, este duplo sentido está indicado na obra de maneira explícita: não depende da interpretação (arbitrária ou não) de um leitor qualquer. (TODOROV, 1981, p. 35)

A alegoria, portanto, seria um duplo sentido textual, onde o texto pode apresentar mais de uma informação, ultrapassando os limites impostos pelo próprio texto, independente da interpretação de quem lê. Assim, trabalhamos com a ideia de que o conto *Maria* fala sobre ela, mas, também, evoca e representa todos os corpos que, de alguma maneira, sofrem com os preconceitos e estereótipos criados pela classe dominante e com as tentativas de supressão de suas existências. Agora, trataremos de, efetivamente, ler o conto à luz da alegoria.

O conto é narrado a partir de um narrador heterodiegético, isto é, ele não participa como personagem, mas conhece, e, tem acesso aos sentimentos e pensamentos de Maria. Logo, no início do conto, enquanto espera o ônibus para voltar para casa, podemos perceber o tratamento que ela recebe no trabalho:

Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora (EVARISTO, 2016, p. 39).

Com isso, podemos perceber a lógica escravocrata operando na vida de Maria: ceder apenas os restos que iriam para o lixo para a doméstica. Assim, a personagem

demonstra a subordinação imposta por um sistema de trabalho que oprime e inferioriza sua condição social (RAMOS; FERREIRA, 2018). Maria era mãe de três filhos. Mesmo cansada e com o peso das sacolas, ela expressa sua felicidade acerca das frutas que estava levando para casa e pensava: “as crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?”. (EVARISTO, 2016, p. 40).

Quando Maria já está dentro do ônibus, ela avista seu ex-companheiro, que se senta ao seu lado. Ele diz para ela mandar um abraço, um beijo e um carinho ao filho. Em seguida, ouvem-se gritos de assalto e ele saca uma arma. Maria é a única do ônibus que não foi assaltada e os demais passageiros concluíram que isso se devia ao fato de ela ser cúmplice do assalto, isso já foi suficiente para que as agressões verbais começassem:

Ouviu uma voz: negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. (EVARISTO, 2016, p. 41)

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos tornou-se um grito: aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! [...] Olha só que, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. (Ibid., p. 42)

Como bem pontuam Batalini e Feldman (2017), as agressões verbais sofridas por Maria evidenciam o uso da palavra negra de forma pejorativa, tido como insulto e que, de alguma maneira, estabelece relação com o assalto, isto é, o fato de ela ser negra estaria atrelado à criminalidade. Esse aspecto demonstra o racismo estrutural presente na sociedade.

Na obra *O que é racismo estrutural* (2018), Silvio Luiz de Almeida classifica o racismo estrutural como o resultado da estrutura racial oriunda da dominação, que normaliza e concebe como verdades as regras baseadas na discriminação racial. Assim, mantém, reproduz e recria desigualdades e privilégios para manter o *status quo* de dominação.

Maria era uma mulher trabalhadora, mãe de três filhos, mas nada disso foi considerado pelos demais passageiros. Tudo o que ela é e tudo o que poderia ser, naquele momento, foi reduzido aos preconceitos atrelados à sua cor. Para Fanon (2008, p. 149), isso acontece porque [...] “onde quer que vá, o negro permanece negro”, isto é, o discurso colonial foi capaz de colocar o povo negro num lugar de subalternidade inscrita na pele. Assim, notamos o processo de objetificação da pessoa negra: útil para o trabalho e ameaçador.

Além disso, podemos pensar sobre xingamentos “safada” e “puta”, proferidos pelo homem no ônibus, que evidenciam discriminações no âmbito do gênero. Spivak argumenta que a mulher além de estar submetida ao sistema que a marginaliza, também está sob o esteio masculino, constituindo uma dupla colonização:

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objeto da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 85).

Nesse sentido, nota-se a dupla colonização da mulher negra, visto que, ela é colocada em um lugar de subalternidade por ser mulher e, também, por sua cor de pele. Desse modo, além da manifestação do racismo estrutural, há também a opressão do sistema patriarcal, vinculando o corpo feminino ao prazer e objetificação sexual.

“A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém.” (EVARISTO, 2016, p. 42), assim o narrador descreve o que Maria sentiu, medo e raiva e, ao mesmo tempo, consciência de que não devia satisfação ninguém, pois era inocente. Ao tentar se defender, o homem diz “Olha só, a negra ainda é atrevida, [...]” (EVARISTO, 2016, p. 42).

Nota-se que o direito de defesa foi negado à Maria, sua tentativa de se defender foi vista como atrevimento, numa tentativa de atribuir, à reação do oprimido, um caráter violento. No entanto, é necessário não confundir a reação do oprimido com a violência do opressor.

Esse trecho do conto ainda pode fazer referência ao silenciamento que, historicamente, os negros sofreram e, de forma ainda mais acentuada, as mulheres negras. A imposição do silêncio e a atribuição de atrevimento a qualquer tentativa de fala e/ou defesa podem ser consideradas parte da retórica dominação (opressão) (ORLANDI, 2007), que quer que os corpos negros e/ou dissidentes sejam disciplinados, isto é, que obedeçam às regras opressoras sem contestá-las.

Ao final do conto, depois das agressões verbais e do tapa na cara, um dos passageiros incitou os demais a lincharem Maria: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos” (EVARISTO, 2016, p. 42). Seu corpo é linchado, evidenciando o espaço violento em que o corpo negro está inserido e o quão destituído de valor a lógica colonial/escravocrata o construiu.

Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (EVARISTO, 2016, p. 42).

Assim termina o conto, a polícia chega e encontra o corpo de Maria já dilacerado e pisoteado. A violência desferida contra os corpos negros e sem nenhum direito de defesa é o tema central. A mulher trabalhadora do início do conto rapidamente passou a ser vista como um objeto ameaçador que deveria ser eliminado, numa manifestação nauseante do racismo estrutural presente na sociedade. Mesmo após a abolição da escravidão, as engrenagens da dominação colonial continuaram trabalhando e atribuindo ao corpo negro os estereótipos racistas inventados durante a colonização e, à medida que os corpos negros transgridem o eurocentrismo, passaram a serem vistos dissidentes e abjetos. Maria foi vista como o “outro” ameaçador, como margem, isto é, sua liberdade não engendrou a neutralização dos efeitos da colonização. Como já disse Fanon (2008, p. 149): [...] “onde quer que vá, o negro permanece negro”.

O conto escancara que corpos negros ainda são silenciados e, muitas vezes, assassinados. Parafraseando Ramos e Almeida (2019), as balas (violências, assassinatos) têm GPS para encontrar os corpos negros e, a produção literária que se engaja no enfrentamento e/ou denúncia de tais violências, configura-se como ato político, de resistência e torna-se instrumento de luta, ressignificação e (r)existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, fica evidente que a produção de mulheres negras é uma ferramenta poderosa, tanto para deslegitimar e/ou denunciar o discurso do colonizador, quanto para romper o silenciamento imposto a essas pessoas, pois carrega a história de luta que os corpos negros enfrentaram, e ainda enfrentam, para romper com a opressão.

Durante a leitura do conto *Maria*, é praticamente impossível não nos recordarmos dos assassinatos de pessoas negras que ocorreram recentemente e que resultaram em protestos e indignação pelo mundo todo. Denominado de *Black Lives Matter* (Vidas negras importam), os protestos antirracistas despertaram parte da sociedade branca que fecha os olhos diante da violência policial contra pessoas negras, indo na contramão da banalização do genocídio negro. Em entrevista ao *El País*⁷, Mônica Oliveira, ativista e membro da Coordenação da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco, destaca muito bem que a ascensão de governantes de extrema direita, não

⁷ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/vidas-negras-importam-chacoalha-parcela-de-brasileiros-entorpecida-pela-rotina-de-violencia-racista.html>. Acesso em: 28 jun. 2020.

só no Brasil, mas pelo mundo, expõem ainda mais a população negra às estatísticas da violência, evidenciando ainda mais a urgência de uma luta antirracista interseccional.

Michael Brown, morto a tiros por policiais nos EUA, não portava armas nem tinha antecedentes criminais, era um homem negro. George Floyd, homem negro, morto por um policial branco nos EUA que por quase nove minutos se manteve ajoelhado no pescoço de Floyd, mantendo-o preso no chão enquanto ele suplicava: "não consigo respirar". Marielle Franco, vereadora brasileira, feminista, negra, lésbica, defensora dos direitos humanos, assassinada em 14 de março de 2018 e, até a presente data, os responsáveis por esse crime não foram presos. Ágatha Vitória Sales Félix, criança negra de 8 anos, foi baleada nas costas, durante uma ação policial, quando voltava para casa com a mãe, em 20 de setembro de 2019, no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro. João Pedro Matos Pinto, morto aos 14 anos, vigésimo quarto adolescente baleado no Rio de Janeiro só em 2020. Destes, 12 foram alvejados em situações com presença de agentes de segurança e cinco morreram (COELHO, 2020). Miguel Otávio Santana da Silva, criança negra de 5 anos, "caiu" do 9º andar de um prédio de luxo em Recife. A empregada doméstica, Mirtes Renata, havia deixado a criança aos cuidados da patroa branca, Sarí Corte Real, enquanto levava o cachorro da família para passear. A patroa foi flagrada pelas câmeras de segurança deixando a criança sozinha no elevador e apertando o botão do 9º andar do prédio. Ela foi autuada por homicídio culposo (quando não há intenção de matar) e liberada após pagar uma fiança de vinte mil reais.

Estes são apenas alguns dos corpos negros que foram brutalmente violados e assassinados pelo Estado. Todos(as) tinham em comum características oriundas de construções sociais que faziam suas vidas "menos valiosas" e, sobretudo "perigosas", definindo a eles um lugar de subalternidade e fazendo a violência contra seus corpos "justificável".

Conceituando a interseccionalidade, Angela Davis (2018) afirma que a luta pela liberdade efetiva não vai ser vitoriosa se todas as minorias reclamarem direitos somente para si, ou seja, é necessário compreender que todas as lutas devem considerar as interseções entre as categorias, percebendo que as lutas não são tão diferentes assim. Isto porque uma pessoa nunca é constituída por uma única identidade ou por uma única categoria social, somos plurais e imbricados em relações de raça, classe, gênero e sexualidade.

Como já disse Hall (1999), a identidade é fragmentada, constituída de várias formações identitárias complexas. Assim, é mais difícil segregar um movimento social de minorias se há união, e isso foi bem perceptível quando os assassinatos dessas pessoas negras resultaram em protestos por todo o globo e união de identidades distintas, evidenciando a interseccionalidade dos movimentos sociais pelos direitos.

Vale destacar que a produção literária afro-brasileira vai na contramão da hegemonia branca e heteronormativa, questionando e denunciando as amarras que o colonialismo impôs aos corpos dissidentes, principalmente, corpos negros. Semelhantemente, nós, pesquisadores, precisamos ir na contramão da hegemonia do conhecimento e contribuir com a desconstrução do status de subalternidade que foi delegado a estes corpos.

Por fim, para Maria, que se metamorfoseia em várias outras vidas marginalizadas e representa tantas outras Marias e tantos outros corpos negros e dissidentes, evoco a canção *Maria, Maria*, de Milton Nascimento:

Maria, Maria,
 É um dom,
 Uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece
 Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta
 [...]
 Mas é preciso ter força,
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria,
 [...]
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida... (NASCIMENTO, 1999)⁸

“[...] Que merece viver e amar como outra qualquer do planeta [...] Quem traz na pele essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida...” (ibd.). “Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida.” (EVARISTO, 2016, p. 42), que a união dos corpos marcados na pele, destrua a “faca-laser” colonial que trabalha para a supressão destes corpos e que a fé de Maria na vida prevaleça.

⁸ NASCIMENTO, Milton. *Maria Maria*. Arista, 1999. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/maria-maria.html>. Acesso em: 25 jun. 2020.

Em *A liberdade é uma luta constante* (2018), Davis não nos deixa esquecer que a liberdade é uma luta coletiva, global e contra todo um sistema mundial que foi forjado na colonização de corpos dissidentes do europeu (homem, branco, heterossexual); e que só haverá vitória diante da interseccionalidade dos movimentos sociais pelos direitos, “[...] Teremos de ter disposição para nos erguer e dizer “não” unindo nossas almas, articulando nossas mentes coletivas e nossos corpos, que são muitos” (DAVIS, 2018, p. 131).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

AMARAL, Luiz Eduardo Franco do. *Vozes da favela: representações da favela em Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro*. 2003. Dissertação. (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

BALBINO, Jéssica. *Pelas margens: vozes femininas na literatura periférica*. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, 2016.

BATALINI, Marcela Gizeli; FELDMAN, Alba Krishna Topan. Sob o peso do próprio corpo: a representação da mulher negra nos contos “Maria” e “Rosa Maria Rosa”, de Conceição Evaristo. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Vol 33, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. vol. 1. 3a ed. São Paulo, Edusp, 1969.

COELHO, Leonardo. João Pedro, 14 anos, morre durante ação policial no Rio, e família fica horas sem saber seu paradeiro. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-19/jovem-de-14-anos-e-morto-durante-acao-policial-no-rio-e-familia-fica-horas-sem-saber-seu-paradeiro.html>. Acesso em: 24 jun. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Para não ser trapo no mundo. As mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea*. Estudos de Literatura Contemporânea, n.44, pp.289-302, 2014.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Organização de Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*. Brasília/DF, ano 01, n. 01, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEONARD, Sandra Eleine Romais. *A literatura marginal-periférica e sua inserção no ensino médio*. Tese (doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná, 2016.

LIMA, Omar da Silva. *O comportamento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães*. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Francelene Costa de Santana. *Mulheres negras letras e literatura: uma análise da condição da mulher negra no final do século XIX a meados do século XX*. 18º REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

PEÇANHA, Érica. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em antropologia social. Universidade de São Paulo, 2006.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RAMOS, Celiomar Porfírio; ALMEIDA, Marinei. Conceição Evaristo: uma escrita de corpos femininos marcados pela violência. *Revista Athena*, vol. 17, nº 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/4406/3513>. Acesso em 25 jun. 2020.

RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva. Violência e subalternidade – dois caminhos que se cruzam na história da mulher afro-brasileira: uma possível leitura do conto Maria, de Conceição Evaristo. *Circulação, tramas & sentidos na literatura*. Congresso Internacional ABRALIC, 2018. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547506617.pdf. Acesso em 25 jun. 2020.

ROCHA, Wesley Henrique Alves da. *Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1njBHd9kLJMGrUNjRipW9K_ye9tjY6HK7/view?fbclid=IwAR1IXyslDNSdNTRKfrrtXX3XF0gl1z5IwxPcPS8Q8cNiWsS1aB4dO3T-4vw. Acesso em: 22 jun. 2020.

SILVA, Maria Valdenia da; RODRIGUES, Francisca Lisiani da Costa. A voz feminina e negra na literatura brasileira oitocentista: a autora e as personagens de *Úrsula*. *Afluente*, UFMA, v. 3, n. 8, 2018, p. 62-81.

SOUZA, Claudenir de. *Mulheres negras contam sua história*. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/01/a00390_61cb25a04fc6457785a752ea65a287ab.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. L.; PREHN, Denise R. (Orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Tradução Ana M. Leite. Lisboa: Edições 70, 1981.

ZIBORDI, Marcos. *Jornalismo alternativo e literatura marginal em Caros Amigos*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Federal do Paraná, 2004.